UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MYTHOS E A *INDICA* DE MEGÁSTENES

SEUS USOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS

LUCAS GUILHERME CABRAL GUIMARÃES

BRASÍLIA

2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MYTHOS E A *INDICA* DE MEGÁSTENES

SEUS USOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Vicente Dobroruka.

BRASÍLIA

2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MYTHOS E A *INDICA* DE MEGÁSTENES

SEUS USOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS

BANCA EXAMINADORA:

PROF. DR. VICENTE DOBRORUKA (ORIENTADOR)

_____

PROFª. DRª. CAMILA DA SILVA CONDILO (UNB)

_____

PROF. DR. GILSON CHARLES DOS SANTOS (UNB)

_____

DATA DA DEFESA: 6 DE DEZEMBRO

BRASÍLIA

2018

Resumo:

Para analisar uma obra literária, sobretudo na antiguidade, é preciso antes compreender o movimento intelectual que fundamenta essa obra, bem como suas influências antepassadas e contemporâneas, além das características que identificam o perfil de seu autor. Por isso, para construir uma análise da *Indica* de Megástenes, deve-se voltar a atenção para a escola jônica de historiadores, especialmente com respeito à sua temática mitológica e seu contexto político; para o conceito de história de Heródoto e Tucídides enquanto os principais historiadores gregos do séc. V AEC.; para o uso histórico e político da *Indica*, como o produto de uma expedição diplomática; para sua recepção helenística, na *Geografia* de Estrabão, seu principal crítico. Dessa forma, apresento nesse artigo de que maneira Megástenes utilizou o mito para despertar na cultura grega uma consciência histórica a respeito do povo indiano, estabelecendo uma conexão mitológica entre o passado grego e o passado indiano.

Palavras-chave: Mito e História; Historiografia Grega; Megástenes.

Mythos e a *Indica* de Megástenes: seus usos históricos e políticos

Ao longo do séc. VI AEC., as cidades gregas da Ásia Menor perderam sua independência diante do domínio do Império Aquemênida. Assim, os gregos da Ásia Menor, à procura de sua identidade nacional, buscaram nos antigos poemas épicos, referentes ao período da colonização grega sobre a Ásia Menor (no qual havia grande prosperidade em suas cidades) a expressão de sua verdadeira identidade histórica. Com isso, os jônicos adotaram à Ilíada e Odisseia como seus principais parâmetros literários, não só na produção de poesia épica mas, sobretudo, na constituição dos registros históricos[1]. Mas, para além dos poemas épicos de Homero, os historiadores jônicos recorreram a outras fontes. Após a Revolta Jônica de 499 AEC., os Persas passaram a destruir massivamente os templos gregos por toda a Ásia Menor como vingança pela destruição do templo da deusa Cybele, em Sardes, que teria sido acidentalmente queimado pelos gregos durante a revolta[2].

Dessa forma, por estarem sob o domínio persa e terem a sua liberdade de expressão ameaçada pelos seus governantes, os logógrafos encontraram na escrita em prosa um meio de assegurar o não esquecimento (’ακλέα) dos grandes feitos do passado e a manutenção de suas memórias nacionais, manifestas na cultura oral ou em escritos templários, e condensadas em suas obras. Assim, consolidou-se a escola jônica de historiadores, reconhecidamente chamados por Tucídides de “logógrafos” (λογογράφοι)[3], termo que passou a significar não só “escritor de prosa” em geral, mas também “contador de histórias”, “narrador de contos”, “cronista”, ou mesmo, pode-se dizer, “romancista histórico”[4]. Os logógrafos tinham como principais características em sua produção historiográfica a escrita em prosa, a utilização do dialeto jônico[5], e a mistura de elementos mitológicos às descrições de eventos

---

[1] Lionel Pearson. *Early Ionian Historians*. Connecticut: Greenwood Press, 1975. p. 14.

[2] Exceto na ilha de Samos. Heródoto, *Histórias* 6.19.3, 25, 32. Cf. John D. Mikalson. “Religion in Herodotus” in: Egbert J. Bakker; Hans van Wees; Irene J. F. de Jong (eds). *Brill’s companion to Herodotus*. Leiden: Brill, 2002. pp. 187-198.

[3] A utilização do termo “logógrafo” (λογογράφος) era muito mais abrangente na antiguidade, podendo ser atribuído aos profissionais que escreviam os discursos de seus clientes para serem entregues na corte. No entanto, o termo era frequentemente usado com um sentido pejorativo, para indicar um orador que não tinha um compromisso com a verdade. Mas, é a definição de Tucídides que restringiu o significado do termo aos historiadores jônicos do séc. V AEC., a qual os pesquisadores clássicos adotaram como referência. Cf. Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* 1.21; Lionel Pearson. *Early Ionian Historians*. Connecticut: Greenwood Press, 1975. pp. 5-7.

[4] Cf. Lionel Pearson. *Early Ionian Historians*. Connecticut: Greenwood Press, 1975. p. 6.

[5] Os historiadores jônicos levam esse nome não porque eram todos naturais da Jônia, mas porque sua produção literária era escrita no dialeto jônico, sendo essa a característica em comum entre os

históricos, fato que não parecia para eles um problema, e quiçá, não fosse um problema no mundo grego para além de Atenas também. Devido às peculiaridades políticas que os levaram a registrar suas tradições orais, *i.e.*, a perseguição persa, os logógrafos utilizaram a participação dos deuses nas guerras indicando o interesse divino, primeiramente, em proteger seus respectivos santuários e, em segundo lugar, em punir os persas por violarem seus espaços sagrados[6].

No entanto, a produção literária dos logógrafos não reverberou pela Ática durante o séc. V AEC., isso porque a produção intelectual de Atenas estava voltada para outras temáticas, muito menos mitológicas. A produção literária dos logógrafos só foi ganhar profusão no fim do séc. IV AEC por conta dos compiladores de Alexandria, que devido às características políticas de deificação dos reis macedônios, uma literatura que estabelecia a interferência direta dos deuses na vida política dos reis deveria ser de interesse pessoal dos reis macedônios. Dionísio de Halicarnasso apontou sobre a preservação da memória nos trabalhos dos logógrafos:

> [...] tendo todos o mesmo objetivo, para que fosse assegurado o conhecimento comum a todos, na medida em que preservaram por meio da memória dos povos nativos das diferentes cidades, registrados tanto em lugares sagrados como profanos, tal como os receberam, sem acrescentar ou tirar algo, entre os quais reuniram lendas consagradas ao longo de muito tempo e crônicas teatrais, que ao leitor do tempo presente parecem tolas.[7]

Mas, grande parte das fontes disponíveis para esses autores, tanto orais quanto escritas eram, de uma certa forma, míticas, especialmente se tratavam das genealogias dos reis antigos, ou das lendas de tempos remotos em que deuses e homens viviam juntos. Porém, conforme os historiadores se voltaram para escrever histórias contemporâneas, ou de um passado recente, a partir das próprias observações ou de fontes orais, *i.e.* daqueles que testemunharam o ocorrido, passou a existir um conflito entre o resultado de suas investigações e as narrativas presentes nos mitos. Assim, o mito ganhou um caráter de falsa alegação e, portanto, se rivalizou à narrativa estritamente histórica[8]. Os principais autores que representaram essa dinâmica historiográfica no séc. V AEC. foram Heródoto e Tucídides.

---

logógrafos, que eram autóctones das diversas províncias da Ásia Menor. Por exemplo, Cadmo de Mileto; Ctésias de Cnido; Hecateu de Mileto; Helânico de Lesbos, dentre outros.

[6] Cf. John D. Mikalson. "Religion in Herodotus" in: Egbert J. Bakker; Hans van Wees; Irene J. F. de Jong. *Brill's companion to Herodotus*. Leiden: Brill, 2002. p. 189.

[7] Dionísio de Halicarnasso, *Tucídides* 5.

[8] Cf. A.E. Wardman. "Myth in Greek Historiography" in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 9, H. 4. Stuttgart: Franz Steiner Verlag. 1960. p. 403.

O método historiográfico de Heródoto se diferenciou dos logógrafos por entender história não como uma compilação de narrativas, mas como uma investigação, um estudo científico, uma tentativa de se chegar a respostas específicas para perguntas previamente definidas, ou ainda, uma tentativa de *achar* a verdade[9]. A palavra *mito* (ὁ μῦθος) ocorre duas vezes em Heródoto[10] e, em ambas as passagens, o método investigativo de Heródoto questiona a validade do mito como fonte histórica. O método de Heródoto define mito como um relato que não pode ser verificado por observações pessoais (ἡ ὄψις[11]) ou por uma investigação probabilística. Por isso, para Heródoto, um relato só poderia ser considerado histórico (ἱστορίη) e, consequentemente, verdadeiro, se ele fosse verificável por testemunhas oculares, ou se fosse possível de se aferir a partir do mundo natural, factível. Em sua viagem ao Egito, Heródoto demonstrou grande interesse pelos costumes e religião, sobretudo quando visitou a região do "baixo Egito", onde teve contato com as histórias a respeito dos antigos reis egípcios. Essas histórias não eram estritamente históricas, no sentido moderno do termo mas, ainda assim, não menos do que os mitos gregos, essas histórias eram a forma pela qual um povo se tornava consciente de seu passado[12]. No entanto, sempre houve tanto na filosofia, como na retórica, uma maior liberdade na utilização do mito enquanto uma ilustração de uma verdade previamente ponderada com base em argumentos[13], mas na historiografia o campo de utilização do mito era um tanto distinto. Em diversos autores da antiguidade é possível identificar três abordagens distintas com relação ao mito como uma fonte histórica: abster-se completamente de seu uso; tentar "racionalizá-los"; incluí-los deixando sua credibilidade a critério do leitor[14]. Por exemplo, quando Heródoto relatou o que ouviu a respeito de uma lenda sobre um antigo rei egípcio, Rampsinito, que teria visitado o que os gregos chamam de Hades e voltado após

---

[9] Robin G. Collingwood. *The Idea of History*. Oxford: Oxford University Press, 1978. pp.18-19.
[10] Heródoto, *Histórias* 2.23; 2.45.
[11] ἡ ὄψις = visão, vista; ato de ver, olhar. Também é interessante percebermos que o verbo οἶδα implica em saber [porque viu].
[12] Kurt Von Fritz. "Herodotus and the Growth of Greek Historiography" in *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 67. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1936. pp. 337.
[13] A.E. Wardman. "Myth in Greek Historiography" in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 9, H. 4. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1960. p. 413.
[14] John Marincola. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 118.

jogar dados com Deméter (*i.e*. Isis)[15], ele ponderou, deixando ao leitor a incumbência de julgá-las:

> Se, por um lado, essas histórias contadas pelos egípcios são proveitosas a quem quer que as considere críveis, por outro, a minha responsabilidade nessa história é registrar tudo o que dizem conforme eu ouvi.[16]

Já Tucídides diferencia história e mito a partir de suas respectivas funções. Para ele, mito serve apenas para o entretenimento do leitor, enquanto história, por visar a verdade, será em último caso, um serviço, se não ao público em geral, ao menos aos que desejam saber o que aconteceu[17]. Enquanto o método de Heródoto se concentrou em delimitar o conceito de história ao que fosse observável e factível, Tucídides, embora ciente da importância de um método historiográfico, visava distinguir a principal finalidade do estudo da história entre o conhecimento exato do passado (τὸ σαφὲς) e o entretenimento (ψυχαγογία)[18].

> E para o leitor, talvez o conteúdo não narrativo deste trabalho pareça menos atraente; mas se àqueles que desejarem examinar o conhecimento exato do passado julgarem meu trabalho útil para interpretar o que é provável de se repetir no futuro, dessa ou de outra forma, de acordo com os atos da humanidade, eu me darei por satisfeito. Porque meu trabalho é mais do que uma mera atração para o leitor do presente momento, mas um tesouro para a eternidade.[19]

Por mítico (τὸ μυθῶδες) Tucídides indicou os elementos fabulosos e narrativos de seus antecessores em contraste com o conhecimento exato (τὸ σαφὲς), intimamente ligado com a precisão da história contemporânea. Para ele, o passado mítico (das histórias de Homero, por exemplo) não poderia ser testado ou investigado, tanto pela distância temporal dos eventos, quanto pela sua natureza fantástica[20] e, por isso, não poderia ser considerado estritamente histórico (ἱστορίη). Dessa forma, seu objetivo era descrever os feitos humanos de modo que esses não fossem esquecidos pela posteridade; de modo que os auxiliasse a aprofundar o conhecimento humano sobre o homem (ὁ ἄνθρωπος)[21].

Para os gregos, ἱστορίη significava tudo o que o homem poderia dizer a respeito de um determinado evento ou lugar por ter sido uma ἵστωρ (testemunha

---

[15] Heródoto, *Histórias* 2.122.1.
[16] Id.Ibid.
[17] Cf. A.E. Wardman. "Myth in Greek Historiography" in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 9, H. 4. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1960. p. 404.
[18] Id. p. 405.
[19] Tucídides, *Guerra do Peloponeso* 1.22.4.
[20] John Marincola. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. pp. 117-118.
[21] Robin G. Collingwood. *The Idea of History*. Oxford: Oxford University Press, 1978. p. 19.

ocular), ou por ter recebido determinada informação, direta ou indiretamente, por uma outra testemunha. Num sentido mais amplo, μύθος também poderia ser considerado ἱστορίη se supormos que o conhecimento dos eventos lendários foi baseado na *tradição* (ou seja, nos relatos de testemunhas oculares passadas), ou numa *revelação* (como no poema de Parmênides, por exemplo), em que os deuses que se revelaram seriam as próprias testemunhas dos fatos[22]. No entanto, talvez esse esforço explicativo seja um tanto inconsistente para um historiador grego do séc. V AEC. que pretendesse admitir um critério metodológico mais rigoroso.

Em suma, podemos entender as diferenças entre os critérios da historiografia de Heródoto e Tucídides (contemporânea) e das histórias essencialmente mitológicas (teocráticas[23]) da seguinte forma:

História Contemporânea (Científica)	**História Teocrática (Mitológica)**
Começa fazendo uma pergunta (investigação).	Começa contando o que ouviu alguém contar (lendário).
Investiga os atos humanos no passado.	Descreve os atos ministrados pelos deuses, mesmo quando os humanos são instrumento das ações divinas.
Baseia seu argumento em evidências.	Não necessita, necessariamente, de evidências para sustentar seu argumento.
Explica o que o homem é pelo que o homem fez.	Explica o que o homem é por causa do que os deuses fizeram.

[22] Kurt Von Fritz. "Herodotus and the Growth of Greek Historiography" in *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 67. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1936. p. 315.
[23] Como definidas por Robin G. Collingwood. Cf. Robin G. Collingwood. *The Idea of History*. Oxford: Oxford University Press, 1978. pp. 14-15.

A *Indica* de Megástenes

No fim do séc. IV AEC, após a morte de Alexandre o Grande, o território sob o seu domínio foi dividido entre seus generais. Lisímaco governou sobre a Trácia e a região ocidental da Ásia Menor; Cassandro, sobre a Macedônia e Grécia, e Ptolomeu I, sobre o Egito e a região meridional da Ásia Menor. Seleuco I ficou com a maior porção territorial, governando sobre a região oriental da Ásia Menor, Mesopotâmia e sobre a Pérsia, até os limites da Índia. Subordinado ao rei Seleuco I estava Megástenes, embaixador oficial dos selêucidas, que foi enviado à corte de Chandragupta Máuria (322 - 297 AEC.), governante que unificou as províncias da Índia sob seu império, o Império Máuria (322 - 185 AEC.), sob a tarefa de escrever um tratado etnográfico sobre a Índia[24]. Seu trabalho, a *Indica*, a primeira descrição ocidental comprovada por uma testemunha ocular da planície do Ganges[25], não foi preservado integralmente até os dias de hoje, mas foi reconstituído a partir de fragmentos em obras de autores tardios. A *Indica* teve grande profusão entre os autores antigos, sendo citada como uma das principais fontes gregas sobre a Índia até o séc. I E.C. especialmente nos trabalhos de Diodoro, Arriano e Estrabão, dois dos autores que preservaram a maior parte de seus fragmentos. Entretanto, Megástenes também esteve sujeito a severas críticas por parte desses autores, que questionavam a confiabilidades de seus relatos.

Um dos principais aspectos metodológicos que caracterizou a produção historiográfica do período helenístico foi a compilação de relatos de autores predecessores, o que foi qualificado pelo historiador Robin G. Collingwood como o método historiográfico de "copia e cola"[26] e Megástenes foi um exemplar dessa característica helenística. Ele se baseou principalmente nos relatos de Hecateu de Abdera, Heródoto e Ctesias, emulando sua estrutura de descrição e fazendo paráfrases de alguns conteúdos. Portanto, seguindo os modelos de seus antecessores, é provável que Megástenes tenha escrito a Índica em três livros: o primeiro discutiu a geografia, a história natural e o clima da Índia; o segundo, a vida primitiva do país, a

[24] Sua expedição etnográfica foi entendida pela historiografia moderna como uma medida diplomática entre Seleuco I e Chandragupta Máuria. Cf. Paul Kosmin. *The Land of the Elephant Kings: Space, Territory, and Ideology in the Seleucid Empire*. London: Harvard University Press, 2014. pp. 37-38.
[25] Arriano, *Anábase* 5.6, *Indica* 5.3 ; Estrabão, *Geografia* 2.1.9, 15.1.7.
[26] Robin G. Collingwood. *The Idea of History*. Oxford: Oxford University Press, 1978. p. 34.

civilização primitiva e os desenvolvimentos históricos; o terceiro, os costumes e a administração do estado Máuria[27]. Segundo o historiador britânico Oswyn Murray:

> Sua tentativa era mostrar a Índia enquanto uma terra ainda melhor do que o Egito de Hecateu, um Estado segundo o ideal platônico com um rígido sistema de castas em que os filósofos ocupavam o topo do estrato social, e que os povos que povoaram a Grécia vinham da Índia e não do Egito.[28]

Ademais, a historiadora Daniela Dueck, aponta uma análise mais substancial sobre a tipologia do trabalho de Megástenes. Ela demonstra que, seja através dos costumes (*nomos*) ou da natureza (*physis*) Megástenes organiza os fatos desde uma perspectiva mais ampla, a partir do que se distancia da cultura grega, até o que é mais próximo, como o estudo da filosofia, por exemplo[29]. Entretanto, ela o faz com uma peculiaridade. Dueck afirma que, em contrapartida à etnografia de Hecateu e Heródoto, Megástenes apresentava um conceito de etnografia mais complexo apontando para uma visão de mundo que não se baseava em dicotomias e conceitos binários. Por exemplo, o termo "bárbaro" (βάρβαρος), enquanto principal expressão para designar a disparidade étnica entre os gregos e os demais povos, não aparece uma vez sequer na *Indica* de Megástenes[30]. Por um lado, isso não é o suficiente para dizer que os gregos não consideravam vários costumes primitivos indianos bárbaros, por outro lado, é importante ressaltar que os costumes valorizados pelos gregos eram os que serviam melhor ao modelo de vida grego.

Megástenes não foi um herdeiro do modelo historiográfico de Heródoto, tão menos do de Tucídides. A natureza de seu trabalho somada aos seus obstáculos metodológicos o impeliram a adotar uma nova metodologia historiográfica. No séc. V AEC., os autores estavam preocupados em escrever uma história contemporânea, porque entendiam que somente enquanto as testemunhas oculares estivessem vivas é que suas memórias poderiam servir como evidência para uma historiografia que se pretendia mais precisa, hoje entendida como científica. Entretanto, no período helenístico, quando os gregos partiram para conquistar o mundo congregando sob uma mesma unidade política junto aos demais povos governados pelas monarquias

---

[27] Paul Kosmin. *The Land of the Elephant Kings: Space, Territory, and Ideology in the Seleucid Empire*. London: Harvard University Press, 2014. p. 38.

[28] Oswyn Murray. "Herodotus and Hellenistic Culture" in *The Classical Quarterly*, Vol. 22. No. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1972. p. 208.

[29] Dueck, Daniela. "Modelling Ethnicity: Patterns of ethnic evaluation on the Indian records of Alexander's companions and Megástenes" in Kennedy, Rebecca Futo; Jones-Lewis, Molly. *The Routledge Handbook of Identity and the Environment in the Classical and Medieval Worlds*. London: Routledge, 2015. p. 349.

[30] Id.Ibid.

macedônicas, seu conceito de história passou a contemplar não só a história contemporânea grega, mas também o passado dos outros povos. Os gregos já eram conscientes de que eles eram apenas uma entre várias unidades sociais há muito, porém sua visão restringia a identidade de outros povos apenas enquanto inimigos (ou bárbaros) já havendo uma noção de *mundo* enquanto a soma de todas as unidades sociais sobre o mundo habitado (οἰκουμένη), mas até então essa totalidade era geográfica, e não histórica[31]. Assim, a consciência histórica grega tornou-se a consciência da associação entre gregos e estrangeiros, associação na qual os gregos tomaram a liderança e os estrangeiros, por seguirem seus costumes, tornaram-se herdeiros da cultura grega e assim, herdeiros da consciência histórica grega[32].

Porém, para entender sua história mais remota, tomando o método de Heródoto como referência, o historiador se deparava com um entrave: a falta de testemunhas oculares vivas. Então, como tornar inteligível ao mundo o grego o passado estrangeiro? Qual tipo de fonte poderia remeter ao período em que gregos e estrangeiros tiveram contato?

Para apresentar a história da Índia de maneira inteligível ao público grego, através da característica compilatória do período Helenístico, Megástenes voltou às tradições mitológicas gregas, tal qual fizeram os logógrafos, para que fosse possível despertar ao público grego uma consciência histórica a respeito do povo indiano, não como meros inimigos, como todos os estrangeiros eram reportados até então, mas como um *ethos*; um povo cuja história seria compreendida, mesmo que a partir de categorias gregas, estabelecendo uma conexão mitológica entre o passado grego e o passado indiano. O uso do mito feito por Megástenes se concentrou, principalmente, nas narrativas sobre Héracles e Dioniso, talvez pelo papel importante que esses deuses desempenhavam na cultura grega de uma maneira geral mas, sobretudo, por conta do papel que estes desempenhavam na cultura religiosa macedônica, em especial, na legitimação de suas monarquias. Por exemplo, Megástenes relatou um mito indiano de que Dioniso teria sido o fundador de suas cidades:

> Os homens mais instruídos entre os indianos contam um mito, do qual pode ser apropriado apresentar um breve resumo. Isso, então, é o que eles dizem: nos tempos mais antigos, quando os habitantes de suas terras ainda moravam em aldeias dispersas, Dioniso veio do Oeste até eles com um exército extraordinário; e ele invadiu toda a Índia, já que ainda não havia uma cidade notável que pudesse se opor a ele. Mas tendo o calor se tornado

---

[31] Robin G. Collingwood. *The Idea of History*. Oxford: Oxford University Press, 1978. pp. 31-32.
[32] Id.Ibid.

demasiado, e os soldados de Dioniso sendo consumidos por uma doença pestilenta, esse líder, que era notável por sua sabedoria, conduziu seu exército para fora das planícies para a região montanhosa; ali o exército, recrutado pela brisa fresca e pelas águas que fluíam frescas de suas fontes, recuperou-se da doença. O lugar entre as montanhas onde Dioniso restaurou a saúde de suas tropas foi chamado Merón (Μηρόν), a partir do qual os gregos transmitiram à posteridade a lenda referente ao deus, que Dioniso foi criado numa coxa[33]. Depois disso, ele trouxe o armazenamento de frutos e compartilhou esse conhecimento com os indianos, os ensinando a fazer vinho e todas as outras artes úteis para a vida. Além disso, ele se tornou o fundador de cidades grandes reunindo as aldeias em regiões bem situadas, enquanto ele também mostrou ao povo como adorar a divindade e introduziu leis e tribunais de justiça. Tendo assim introduzido muitas obras grandiosas e nobres, ele foi considerado como um deus e recebeu honras imortais.[34]

A partir desse mito, Megástenes traça uma marco temporal que delimita o ponto de partida da história indiana: a chegada de Dioniso, um deus grego vindo do oeste, que conquistou toda a Índia e, com generosidade, reuniu sob sua liderança todo o povo indiano, fundando grandes cidades, trazendo a ordem social através das leis e tribunais de justiça; trazendo a dádiva da fabricação do vinho e o domínio de outras culturas[35], além de iniciá-los na boa prática da religião, *i.e.*, o início da história indiana se deu a partir da adesão da cultura e dos costumes gregos. Tal narrativa sugere que foi por meio da benevolente intervenção de um deus [grego] que a Índia se desenvolveu urbana e culturalmente a partir da perspectiva grega, o que corrobora a ideia de que, fosse num passado remoto ou no tempo presente helenístico, um grande governante grego podia ser responsável pelo desenvolvimento da cultura em um território estrangeiro. Dessa forma, num período em que os governantes macedônios tinham suas figuras de reis facilmente confundidas com a de semideuses (’ισόθεος), a figura de Dioniso trazida por esse mito estava bem próxima da figura de um monarca macedônio. Além disso, o ato fundacional de Dioniso pode ser visto como uma afirmação valorizadora de um dos atos centrais da monarquia selêucida inicial: a fundação de cidades[36].

---

[33] No mito de Dioniso, Zeus teria engravidado uma mulher mortal, Sêmele, uma das filhas do rei Cadmo de Tebas. Mas após Zeus se mostrar à Sêmele em sua forma divina, ela morreu, ainda gestando Dioniso em seu ventre. Por isso, Zeus costurou Dioniso em sua coxa até que sua gestação fosse concluída para que Hera, sua esposa, não descobrisse que Zeus a havia traído com Sêmele. Após o nascimento de Dioniso, Zeus teria confiado às ninfas que viviam em Nissa a tarefa de cuidar dele até seu amadurecimento. Cf. Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca* 3.4.3.

[34] Diodoro, *Biblioteca* 2.38.3-5 = Jacoby, *FGrH* 715 F4.

[35] Dioniso teria sido o primeiro a ensinar aos indianos a agricultura e a forçar o boi ao arado, além de ter ensinado-os a címbalos e tambores nas celebrações religiosas, o uso de turbantes. Cf. Arriano, *Indica* 7.5– 9. = Jacoby, *FGrH* 715 F12.

[36] Paul Kosmin. The Land of the Elephant Kings: Space, Territory, and Ideology in the Seleucid Empire. London: Harvard University Press, 2014. pp. 45-46.

Além da presença fundadora de Dioniso sobre a Índia, Megástenes também relatou que Héracles teria nascido lá:

> E com relação a Héracles, eles dizem que ele nasceu entre eles e atribuem a ele, em comum com os gregos, tanto o porrete quanto a pele de leão. Além disso, como o relato nos conta, ele era muito superior a todos os outros homens em força física e em coragem, e limpou a terra e o mar de suas bestas selvagens. E casando-se com várias esposas, ele gerou muitos filhos, mas apenas uma filha; e quando seus filhos atingiram a masculinidade, ele dividiu toda a Índia em porções iguais para seus filhos, e nomeou todos os seus filhos reis e, ao criar sua única filha, designou-a também rainha. Da mesma forma, ele se tornou o fundador de não poucas cidades, a mais renomada e maior das quais se chamava Palíbothra (Παλίβοθρα). E quando Héracles não se encontrava mais entre os homens, ele recebeu honra imortal. [37]

Segundo essa lenda, Megástenes demonstra que as cidades indianas não só deviam à intervenção [divina] grega a fundação de suas cidades (especialmente, Palíbothra, a capital do Império Máuria) mas também a descendência de seus reis. Sendo todos os reis indianos descendentes de Héracles, assim como os reis macedônios criam também ser[38], os deuses teriam feito os reis indianos tão grandiosos quanto os reis macedônios; tão grandes até mesmo quanto Alexandre o Grande. Entretanto, enquanto o ato fundacional de Dioniso e a progenitura real de Héracles demonstram a grandeza da nação indiana, sobretudo do Império Máuria, isso também justifica o fracasso de Seleuco em manter a conquista macedônica sobre o território indiano[39].

Apesar de seu profundo significado histórico e político, esses mitos eram apenas narrativas lendárias, pois não poderiam ser verificados de maneira empírica, através de testemunhas oculares. No entanto, pode-se supor que Megástenes teria elaborado uma tentativa de racionalização dos mitos a partir do que ele viu, tentando estabelecer paralelos entre o passado mitológico e o presente verificável no qual ele se encontrava, talvez como uma forma de tornar esses mitos mais críveis. Deste modo, em um momento posterior, Megástenes afirmou ter encontrado o monte Merón onde Dioniso teria abrigado suas tropas, e onde os habitantes daquela região conservavam costumes em honra a Dioniso:

> A partir desses [relatos], chamaram o povo de certos Nissaios, e a cidade entre eles de Nissa, fundação do próprio Dioniso, e a montanha acima da cidade de Merón, com base

---

[37] Diodoro, *Biblioteca* 2.39.1-3 = Jacoby, *FGrH* 715 F4.

[38] Paul Christesen and Sarah C. Murray. "Macedonian Religion" in: Joseph Roisman & Ian Worthington. *A Companion to Ancient Macedonia*. Oxford: Blackwell, 2010. pp. 430-431.

[39] Paul Kosmin. The Land of the Elephant Kings: Space, Territory, and Ideology in the Seleucid Empire. London: Harvard University Press, 2014. pp. 40-41.

na hera que cresce ali e na vinha, [...] Eles também alegam que os Sidracas são descendentes de Dioniso por crescerem entre eles vinhas e por suas extravagantes procissões, com expedições à moda Báquica sendo feitas pelos seus reis, e outras procissões ao som de tambores, com vestimentas enfeitadas com flores, tal como é de costume também entre os indianos.[40]

Seguindo esse mesmo trecho, Megástenes relatou que teve contato com um povoado indiano que teria sido descendente daqueles que acompanharam Héracles, por eles usarem peles de animais como roupas e carregarem porretes:

> [...] Os Sibas dizem ser descendentes dos que acompanharam Héracles em sua campanha, preservando os símbolos de sua descendência, por vestirem-se com peles, assim como Héracles; pelo costume de carregar um porrete; e por marcar os bois e mulas com um ferrete. Eles asseguram essa história a partir de outras histórias sobre o Cáucaso e Prometeu, por transferirem essas [histórias] daqui do Pontus para lá, sob o pretexto de terem visto uma gruta sagrada no Paropâmiso. Pois proclamavam ser essa a prisão de Prometeu, e lá foi Héracles para libertar Prometeu, e esse é o Cáucaso que os gregos declararam ser a prisão de Prometeu.[41]

Segundo a tradição de Pseudo-Apolodoro[42], o Cáucaso onde Zeus teria prendido Prometeu era uma região montanhosa na terra dos Citas, mais especificamente, a porção de terra que separa o mar Negro do mar Cáspio. Mas, a região habitada pelos Citas ia até o Paropâmiso[43], cuja cordilheira dividia o vale do rio Oxus e o vale do rio Indo, ou seja, a descrição de Megástenes situava a montanha numa região que possivelmente teria sido habitada pelos Citas e, conformemente, Eratóstenes também cria que a cordilheira do Cáucaso se estendia até a Índia[44]. Dessa forma, a racionalização dos mitos feita por Megástenes teria tornado o descobrimento do "novo mundo" uma ponte para um passado incerto que, se antes estava restrito ao imaginário das narrativas mitológicas, agora era visto com os próprios olhos (αυτοψία) e atestado pela população local. No entanto, Megástenes não manteve o mesmo rigor metodológico de racionalização dos mitos em todos os casos, principalmente nos vários trechos sobre criaturas fantásticas como: homens sem nariz, outros sem boca, e com os pés virados para trás[45], formigas maiores do que raposas que garimpavam ouro[46], dentre outros. Isso indica que Megástenes,

---

[40] Estrabão, *Geografia* 15.1.8. = Jacoby, *FGrH* 715 F11b.
[41] Id.Ibid.
[42] Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca* 1.7.1.
[43] Ou Indocuche, atual Afeganistão Oriental.
[44] Estrabão, *Geografia* 2.1.2. Estrabão mostra em outro trecho que os gregos davam, de maneira genérica, o nome de Citas a todos os povos do norte. Cf. Estrabão, *Geografia* 11.6.2.
[45] Estrabão, *Geografia* 15.1.57. = Jacoby, *FGrH* 715 F27b.
[46] Id. 15.1.44 = Jacoby, *FGrH* 715 F19b. Megástenes reproduz exatamente a mesma história dita por Heródoto. cf. Heródoto, *Histórias* 3. 102.

provavelmente, não tinha de maneira sistemática - o que se espera de um historiador que pretende ser científico - um método historiográfico de racionalização dos mitos. Se ele tinha algum tipo de critério na racionalização dos mitos, esse critério era completamente arbitrário, o que corrobora a hipótese de seu uso dos mitos ter sido ora para o entretenimento do leitor, ora para a idealização platônica da Índia, ora para a legitimação da monarquia selêucida. Contudo, esse tipo de abordagem do mito por Megástenes não teve boas repercussões entre os autores mais tardios que recepcionaram sua obra.

A Recepção da *Indica* de Megástenes

Estrabão foi um dos autores que preservou a maior parte da *Indica*, tendo esta como uma das principais fontes sobre a Índia, porém ele não o fez sem severas críticas à confiabilidade dos relatos de Megástenes. Estrabão demonstrou ter uma noção de história muito próxima a de Tucídides, principalmente por opor o relato mitológico ao conhecimento preciso do passado. Dessa forma, Estrabão faz uma crítica ao uso do mito na historiografia:

> Alguns historiadores, vendo que aqueles que eram declaradamente escritores de mitos (μυθογράφους) obtiveram renome e fama, supunham que também deveriam tornar agradáveis seus escritos se, sob a forma de história, eles relatassem o que nunca tinham visto ou ouvido - ao menos de testemunhas oculares - não tendo outro objetivo senão agradar e surpreender o leitor. Uma pessoa acreditaria mais prontamente nas histórias dos heróis em Hesíodo, Homero e nos poetas trágicos, do que em Ctesias, Heródoto, Helânico e escritores desse tipo.[47]

Estrabão criticava precisamente os historiadores gregos do séc. V AEC. que tinham escrito a respeito dos povos mais distantes - os citas e os indianos - sem jamais terem ido até sua terra natal para terem registros mais precisos acerca desses povos e seus territórios. Dentre esses historiadores aos quais Estrabão criticou, é curioso perceber que ele considera Heródoto um logógrafo também. Apesar de Heródoto ter viajado extensivamente pela terra dos citas[48] e de ele ter desenvolvido uma metodologia mais rigorosa em boa parte de seu trabalho, ele não viajou até a Índia e seus relatos sobre a cultura e natureza indiana são deveras fantasiosos, o que justifica a crítica à confiabilidade de seus relatos sobre a Índia. Na verdade, boa parte

---

[47] Estrabão, *Geografia* 11.6.3.

[48] Cf. Kurt Von Fritz. "Herodotus and the Growth of Greek Historiography". *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 67. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1936. p. 321.

de seus relatos foram exatamente reproduzidos por Megástenes[49] e se Estrabão faz essa crítica aos logógrafos, não seria diferente aos historiadores helenísticos que, segundo ele, utilizavam o mito apenas para o entretenimento de seu leitor. Estrabão disse sobre Megástenes:

> Dentre os mentirosos (ψευδολόγοι) sobre a Índia, o primeiro lugar é concedido a Deimaco, mas Megástenes vem em segundo, enquanto que Onesícrito e Nearco, juntos com outros da mesma classe, conseguem balbuciar alguma parte da verdade.[50]

Estrabão tem Megástenes como mentiroso, especialmente porque há em diversos fragmentos de sua *Indica*, reproduções de histórias fantásticas que pareciam inverossímeis para Estrabão. Por exemplo, a respeito das lendas sobre Dioniso e Héracles, Estrabão comentou que Megástenes, junto a alguns outros historiadores, as considera confiáveis; mas a maioria dos outros escritores, entre os quais Eratóstenes, as considera indignas de confiança e míticas[51]. Megástenes também reportou uma história contada pelos generais de que Alexandre teria conquistado o monte Aorno[52] em apenas uma tentativa enquanto Héracles teria tentado por três vezes conquistá-lo, mas por três vezes teria sido rechaçado, no entanto, Megástenes fez a ressalva de que essa história era contada por aqueles que enalteciam Alexandre, o que denota que talvez Megástenes não considerasse esse relato tão crível. Porém, Estrabão superou sua criticidade por tentar realmente racionalizar essas lendas, ponderando:

> Mas que essas histórias são invenções dos bajuladores de Alexandre é óbvio; primeiro, não apenas pelo fato de que os historiadores não concordam uns com os outros, isso porque, enquanto alguns as relatam, outros não mencionam nada delas; pois não é razoável acreditar que proezas tão famosas e cheias de romance eram desconhecidas por qualquer historiador, ou, se conhecidas, que eram consideradas indignas de registro pelos mais confiáveis dos historiadores; e, em segundo lugar, do fato de que nem mesmo os povos, através dos quais Dionísio e Héracles e seus seguidores teriam de passar para alcançar a Índia, podem mostrar qualquer evidência de que estes fizeram uma viagem pelo seu país.[53]

Apesar de suas severas críticas, Estrabão não considerava todo o trabalho de Megástenes mentiroso, pois utilizou seus relatos como fontes para descrever os estratos sociais em que os indianos se dividiam conforme seus ofícios[54]. Sim, ainda que o considerasse um mentiroso, Estrabão não deixou de usar - naquilo em que se podia crer - a *Indica* como uma fonte histórica, até porque Estrabão parecia estar ciente dos limites da autópsia enquanto a única metodologia para sua *Geografia*.

---

[49] Cf. Nota 46.
[50] Estrabão, *Geografia* 2.1.9.
[51] Id. 15.1.7.
[52] Ἄορνον = sem pássaros. Cf. Id. 15.1.8.
[53] Id. 15.1.9.
[54] Id. 15.1.51-53 = Jacoby, *FGrH* 715 F31-F32.

Assim, ele definiu a natureza do trabalho etnográfico, de modo muito semelhante ao de Tucídides, a partir de sua utilidade prática:

> No entanto a maior parte do nosso material, tanto eles como eu, recebemos por meio de boatos e, em seguida, formamos nossas ideias de forma e tamanho e também outras características, qualitativas e quantitativas, precisamente como a mente forma suas ideias a partir das impressões sensoriais. Pois, nossos sentidos relatam a forma, cor e tamanho de uma maçã, e também seu cheiro, sensação e sabor; e a partir de tudo isso, a mente forma o conceito de maçã. Assim, também, mesmo no caso de grandes retratos, enquanto os sentidos percebem apenas as partes, a mente forma um conceito do todo com base no que os sentidos perceberam. [...] E os homens que estão ansiosos para aprender, procedem da mesma forma: confiam naqueles que viram ou perambulavam por qualquer região como seus órgãos de sentido, e assim formam em um diagrama sua imagem mental de todo o mundo habitado.[55]

Vemos que, apesar de considerar Megástenes um mentiroso, e de fazer duras críticas aos seus relatos, Estrabão não deixou de usar a *Indica* como uma fonte, fosse em suas passagens mitológicas ou nas passagens mais precisas. É interessante supor que a *Indica* tenha sido citada por Estrabão porque, mesmo com suas características mitológicas, ela poderia expressar, se não a tradição indiana, ao menos a tradição do pensamento grego na corte selêucida.

Conclusão

Desde os tempos mais remotos até a antiguidade tardia, os gregos tiveram vários usos de suas tradições mitológicas. Fossem transmitidas oralmente ou através de registros escritos, essas narrativas mitológicas serviram aos gregos como forma de afirmação de sua identidade nacional, para os gregos da Ásia Menor durante o séc. V AEC; como um elemento de tensão epistemológica entre o passado remoto e a história contemporânea para Heródoto e Tucídides, bem como uma abordagem historiográfica para criar uma consciência histórica a respeito de um povo, no caso das etnografias helenísticas, dentre outros vários usos nas diversas manifestações do pensamento grego (filosofia, retórica, tragédia etc). Assim, vemos que o uso do mito na *Indica* de Megástenes não está somente a serviço do entretenimento, mas é imbuído de um profundo significado histórico e político.

Não diferentemente dos gregos do séc. V AEC., Megástenes se valeu da única fonte disponível ao seu tempo para descrever o passado remoto que não poderia ser verificado por testemunhas oculares: os mitos. Essas narrativas mitológicas, de uma maneira geral, foram responsáveis por constituir a consciência histórica grega a respeito de sua própria história ao mesmo tempo que foi

[55] Estrabão, *Geografia* 2.5.11.

fundamental para que os gregos desenvolvessem uma consciência histórica a respeito dos povos estrangeiros. Assim, através de sua recepção, a *Indica* foi determinante para que os ideias gregos sobre os limites do mundo conhecido fossem difundidos até a antiguidade tardia, ou ainda, até o séc. XXI, quando a *Indica* se consolidou, não só como uma etnografia grega sobre a Índia helenística, mas, sobretudo, enquanto uma expressão da racionalidade grega sobre os mitos.

Bibliografia

Fontes:

(Todas as fontes rubricadas correspondem às versões online da Loeb Classical Library, Harvard, www.loebclassics.com).

ARRIANO, *Indica*.

DIODORO DA SICÍLIA, *Biblioteca Histórica*.*

DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Tucídides*.*

ESTRABÃO, *A Geografia*.*

HERÓDOTO, *Histórias*.*

MEGÁSTENES, *Indika*.

PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca*.

Comentadores

BOSWORTH, Albert B. "The Historical Setting of Megástenes' Indica" in *Classical Philology*. Vol. 91, No. 2. Chicago: The University of Chicago Press, 1996. pp. 113-127.

BURKERT, Walter. *Structure and History in Greek Mythology and Ritual*. London: University of California Press, 1979.

CHRISTESEN, Paul; Murray, Sarah C. "Macedonian Religion" in: Joseph Roisman & Ian Worthington. *A Companion to Ancient Macedonia*. Oxford: Blackwell, 2010. pp. 428-445.

COLLINGWOOD, Robin G. *The Idea of History*. Oxford: Oxford University Press, 1978.

DUECK, Daniela. "Modelling Ethnicity: Patterns of ethnic evaluation on the Indian records of Alexander's companions and Megástenes" in Kennedy, Rebecca Futo; Jones-Lewis, Molly. *The Routledge Handbook of Identity and the Environment in the Classical and Medieval Worlds*. London: Routledge, 2015. pp. 341-352.

ERKSINE, Andrew. *A Companion to the Hellenistic World*. Oxford: Blackwell, 2005.

FRITZ, Kurt Von. "Herodotus and the Growth of Greek Historiography". *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 67. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1936. pp. 315-340.

KOSMIN, Paul. *The Land of the Elephant Kings: Space, Territory, and Ideology in the Seleucid Empire*. London: Harvard University Press, 2014.

_____. "Apologetic Ethnography: Megástenes' *Indica* and the Seleucid Elephant" in Almagor, Eran; Skinner, Joseph. *Ancient Ethnography: New Approaches*. London: Bloomsbury, 2013. pp. 97-115.

MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MCCRINDLE, John Watson; Schwanbeck, Erwin Alexis. *Ancient India as described by Megasthenês and Arrian*. London: Trubner & Co., 1877.

MIKALSON, John D. "Religion in Herodotus" in: Egbert J. Bakker; Hans van Wees; Irene J. F. de Jong. *Brill's companion to Herodotus*. Leiden: Brill, 2002. pp. 187-198.

MOMIGLIANO, Arnaldo. "Greek Historiography". History and Theory, Vol. 17, No. 1. New Jersey: Wiley, 1978. pp. 1-28.

MURRAY, Oswyn. "Herodotus and Hellenistic Culture" in *The Classical Quarterly*. Vol. 22. No. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1972. pp. 200-213.

_____. "Hecataeus of Abdera and Pharaonic Kingship". The Journal of Egyptian Archaeology, Vol. 56. London: Egypt Exploration Society, 1970. pp. 141-171.

PEARSON, Lionel. *Early Ionian Historians*. Connecticut: Greenwood Press, 1975.

ROISMAN, Joseph. & WORTHINGTON Ian. A Companion to Ancient Macedonia. Oxford: Blackwell, 2010.

WALBANK, Frank W. "Monarchies and Monarchic Ideas". Walbank, Frank W.; ASTIN, Alan E.; FREDERIKSEN, Martin W.; OGILVIE, Robert M. (eds). *The Cambridge Ancient History. Vol. 7, Part 1: The Hellenistic World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. pp. 62-100.

WARDMAN, A.E. "Myth in Greek Historiography" in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 9, H. 4. Stuttgart: Franz Steiner Verlag. 1960. pp. 403-413.